

CAPÍTULO II

NÃO HÁ PRINCÍPIOS PRÁTICOS INATOS

1. Nenhum princípio moral é tão claro e geralmente recebido como as máximas especulativas anteriormente mencionadas. Como ficou provado, estas máximas especulativas, descritas por nós no capítulo anterior, não têm real assentimento universal de todos os homens. Isto é ainda muito mais patente com respeito aos *princípios práticos*, que não alcançam uma recepção universal. Penso que será difícil ilustrar qualquer regra moral com a mesma pretensão de ter o assentimento geral e imediato da que diz "o que é, é" ou ter uma verdade tão manifesta como esta: "é impossível para uma mesma coisa ser e não ser". Por mais que seja evidente que elas se distanciem posteriormente do título de inatas, a dúvida de que elas são impressões nativas na mente é muito mais forte em relação aos princípios morais do que aos outros. Nem isto coloca de modo algum sua verdade em questão. Elas são igualmente verdadeiras, embora não igualmente evidentes.

2. A fé e a justiça não são compreendidas por todos os homens como princípios. Para averiguar se existe um desses princípios morais acerca dos quais todos os homens concordam, sou levado a apelar para alguém que esteja moderadamente familiarizado com a história da humanidade, que tenha olhado além da fumaça de sua própria chaminé. Onde se encontra esta verdade prática, recebida universalmente, sem dúvida ou questão, como devia ser se fosse inata? A justiça e a conformidade ao contrato consistem em algo com que a maioria dos homens parece concordar. Constitui um princípio julgado estender-se até aos esconderijos dos ladrões e às confederações dos maiores vilões; e os que se afastaram a tal ponto da própria humanidade conservam entre si a fé e as regras da justiça. Concordo que os próprios proscritos agem, deste modo, entre si, mas sem que isto seja recebido como leis inatas da natureza. Praticam-nas como leis de conveniência dentro de suas próprias comunidades, sendo impossível imaginar que a justiça é vista como um princípio prático por

quem age honestamente com seus companheiros de assalto, ao mesmo tempo que rouba ou mata o primeiro homem honesto com o qual se encontra. Sendo a justiça e a verdade os laços comuns da sociedade, mesmo os proscritos e ladrões que rompem com todo o resto do mundo devem manter o compromisso e as regras da equidade entre si; do contrário, não poderiam se manter unidos. Podem, então, dizer que quem vive da fraude e do roubo tem princípios inatos de verdade e justiça com os quais concorda e aquiesce?

4. Como as regras morais necessitam de prova, elas não são inatas. Outra razão que me leva a duvidar de quaisquer princípios práticos inatos decorre do fato de pensar que *nenhuma regra moral pode ser proposta sem que uma pessoa deva justamente indagar a sua razão*: o que seria perfeitamente ridículo e absurdo se ela fosse inata, ou sequer evidente por si mesma, coisa que todo princípio inato deve necessariamente ser, sem precisar de qualquer prova para apurar sua verdade, nem necessitar de qualquer razão para obter sua aprovação. Seria julgado desprovido de bom senso quem perguntasse ou começasse a dar a razão por que "é impossível para a mesma coisa ser e não ser". Ela traz consigo sua própria luz e evidência, e não necessita de outra prova: quem entende os termos aquiesce com isto por seus próprios méritos; ao contrário, nada jamais seria capaz de se impor sobre ele para fazê-lo entender. Mas deveria esta imperecível regra da moralidade e fundamento de toda virtude social, "que alguém deve fazer como lhe foi feito", ser proposta a alguém que nunca ouviu isto antes, mas ainda tem capacidade para entender seu significado, não deve ele sem nenhum absurdo perguntar a razão por quê?

6. A virtude não é geralmente aprovada porque é inata, mas porque é proveitosa. Daqui decorre naturalmente a grande variedade de opiniões acerca das regras morais que são encontradas entre os homens, segundo a diversa espécie de felicidade que eles anteciparam, ou propuseram a si mesmos. Isto não poderia ocorrer se os princípios práticos fossem inatos e impressos diretamente em nossas mentes pela mão de Deus. Concordo que a existência de Deus se manifesta de várias maneiras, e a obediência que devemos a ele é tão congruente à luz da razão que grande parte da humanidade obedece à lei da natureza. Entretanto, penso que deve ser admitido que várias regras morais devem receber dos homens uma aprovação muito geral, sem conhecerem ou admitirem o verdadeiro fundamento da moralidade, já que decorrem apenas da vontade e lei de Deus, que vê os homens no escuro, abarca em sua mão o prêmio, o castigo e suficiente poder para chamar à prestação de contas o ofensor mais orgulhoso.

7. As ações dos homens nos convencem que a regra da virtude não consiste em seu princípio interior. Se nós não quisermos admitir

cortesmente muita sinceridade a respeito da profissão da maioria dos homens, mas pensarmos que suas ações interpretem seus pensamentos, descobriremos que eles não têm tal veneração interior por estas regras, nem uma completa persuasão de sua certeza e obrigação.

10. Os homens têm princípios práticos opostos. Quem investigar cuidadosamente a história da humanidade, examinar por toda parte as várias tribos de homens e com indiferença observar suas ações, será capaz de convencer-se de que raramente há princípio de moralidade para ser designado, ou regra de virtude para ser considerada (excetuando-se apenas as que são absolutamente necessárias para manter a sociedade unida, que ordinariamente são também esquecidas entre sociedades distintas), que não seja, em alguma parte ou outra, menosprezada e condenada pela moda geral de todas as sociedades de homens, governadas por opiniões práticas e regras de conduta bem contrárias umas às outras.

11. Nações inteiras rejeitam várias regras morais. Poder-se-á, talvez, objetar que não consiste num argumento afirmar que a regra não é conhecida porque é violada. Concordaria com a validade desta objeção se os homens, embora transgressores, não repudiassem a lei, pelo temor da vergonha, da crítica ou do castigo, que imporiam algum respeito sobre eles. Mas é impossível imaginar que toda uma nação de homens devesse rejeitar e renunciar publicamente ao que cada um deles sabia com certeza e infalivelmente ser uma lei, pois deviam tê-la naturalmente em suas mentes.

12. Dizem que a violação de uma regra não é argumento para que ela seja desconhecida. Concordo com isso, mas afirmo que a brecha geralmente admitida em alguma parte dela prova que não é inata. Por exemplo, consideremos qualquer uma dessas regras, que, sendo a mais óbvia dedução da razão humana, e compatível com a tendência natural da maioria dos homens, pouca gente tem tido a imprudência de negar ou duvidar. Quando, portanto, dizem que esta é uma regra inata, o que querem dizer? Que se trata de um princípio inato por fundamentar em todas as ocasiões o motivo e direção das ações de todos os homens, ou que é uma verdade que todos os homens têm impressa em suas mentes, e, portanto, conhecem e concordam com ela. Mas em nenhum desses sentidos é inata.

13. Do que ficou dito, penso que podemos concluir com segurança que, seja onde for que uma prática é geralmente e com admissão violada, não pode ser suposta inata.

14. Os que sustentam a existência de princípios práticos inatos não nos dizem o que são. A diferença que existe entre os homens acerca

de seus princípios práticos é tão evidente que julgo não ser necessário dizer mais nada para demonstrar que será impossível divisar quaisquer regras morais inatas com sinais de assentimento geral; e é suficiente para fazer alguém suspeitar que a suposição de tais princípios inatos é apenas uma opinião adotada à vontade, desde que os que falam tão confiantes acerca deles são tão parcimoniosos para nos dizer *o que eles são*.

20. Para a objeção de que "os princípios inatos podem ser corrompidos", respondo. Não será este o momento para abordar esta resposta consagrada, mas não muito material, que assegura que os princípios inatos de moralidade podem, mediante educação, costume e a opinião geral daqueles com quem conversamos, ser apagados e, finalmente, estropiados das mentes dos homens. Se esta afirmativa for verdadeira, afasta totalmente o argumento do consentimento universal pelo qual se tenta provar a opinião de princípios inatos; a menos que tais homens achem razoável que suas persuasões privadas, ou a de seus adeptos, sejam tomadas por sentimento universal, o que ocorre com frequência quando os homens, supondo que eles mesmos são os únicos mestres da correta razão, assumem que os votos e opiniões do resto dos homens não merecem ser contados. E, então, seu argumento é o seguinte: "Os princípios que toda a humanidade admite como verdadeiros são inatos; os que os homens da justa razão admitem são os princípios aceitos por todos os homens; nós, e os que pensam como nós, somos homens de razão; portanto, concordamos que nossos princípios são inatos": eis um modo muito bonito de argüir, e um atalho para a infalibilidade.

21. **Princípios contraditórios do mundo.** Admito facilmente que há grande número de opiniões que homens de diferentes países, educação e temperamentos receberam e aceitaram como os primeiros e inquestionáveis princípios. Vários deles, porém, não só por seu absurdo como por sua recíproca oposição, revelam a impossibilidade de que sejam verdadeiros. Embora inúmeras dessas proposições estejam bem afastadas da razão, são a tal ponto sagradas para uma ou outra região que mesmo os homens de bom entendimento em outros assuntos bem cedo as compartilham em suas vidas, e, seja o que for que lhes é o mais querido, têm sua verdade submetida a dúvidas, ou questões.

22. **Como os homens apreendem normalmente seus princípios.** Isto, por mais estranho que pareça, é o que a experiência diária confirma; não parecerá, talvez, tão maravilhoso, se consideramos os meios e passos pelos quais é ocasionado, e como realmente pode acontecer, pois doutrinas que têm sido derivadas de origens não melhores do que a superstição de uma enfermeira ou a autoridade de uma mulher velha podem, pela duração

do tempo e consentimento dos confrades, atingir a dignidade de *princípios* em religião ou moral.

24. Raramente há alguém tão instável e superficial em seu entendimento que não tenha reverenciado algumas proposições, que são para ele os princípios sobre os quais fundamenta seus raciocínios, e pelos quais julga a verdade e falsidade, o certo e o errado. Alguns, por falta de perícia e lazer, outros, por inclinação, e outros mais, tendo sido ensinados que não devem examiná-los, havendo poucos que não são expostos por sua ignorância, preguiça, educação ou precipitação, *a considerá-los com confiança.*

27. Os princípios devem ser examinados. Mediante este processo, deve ser facilmente observado, na variedade de princípios opostos sustentados e mantidos por todo tipo e graus de homens, quantos há que adquirem princípios que acreditam inatos. E quem negar que este deve ser o método segundo o qual a maioria dos homens procede com respeito à segurança que tem da verdade e evidência de seus princípios descobrirá, talvez, que é questão difícil recorrer a outro meio qualquer para responder a opiniões opostas, acreditadas com firmeza, afirmadas com confiança, as quais grande número de pessoas está disposto a qualquer momento a assinar com seu próprio sangue.

Do que ficou dito, penso não haver mais dúvida que não há princípios práticos com os quais todos os homens concordam e, portanto, nenhum é inato.

CAPÍTULO III

OUTRAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS PRINCÍPIOS INATOS, TANTO ESPECULATIVOS COMO PRÁTICOS

1. Os princípios não são inatos, a menos que suas idéias sejam **inatas**. Se os que nos querem persuadir que há princípios inatos não os tivessem compreendido em conjunto, mas considerado separadamente os elementos a partir dos quais estas proposições são formuladas, não estariam, talvez, tão dispostos a acreditar que elas eram inatas. Visto que, se **as idéias** das quais são formadas estas verdades não fossem inatas, seria impossível que as *proposições* formadas delas pudessem ser inatas, ou nosso conhecimento delas ter nascido conosco. Se, pois, as idéias não são inatas, houve um tempo em que a mente estava sem esses princípios, e, deste modo, não seriam inatos, mas derivados de alguma outra origem. Pois, se as próprias idéias não o são, não pode haver conhecimento, assentimento, nem proposições mentais ou verbais a respeito delas.

2. As idéias, especialmente as pertencentes aos princípios, não **nascem** com as crianças. Se consideramos cuidadosamente as crianças recém-nascidas, teremos bem poucos motivos para crer que elas trazem consigo a este mundo muitas idéias. Excetuando, talvez, algumas pálidas idéias de fome, sede e calor, e certas dores, que sentiram talvez no ventre, não há a menor manifestação de idéias estabelecidas nelas, especialmente das *idéias que respondem aos termos que formam proposições universais que são consideradas princípios inatos*. Pode-se perceber como, por graus, posteriormente, as idéias chegam às suas mentes, e não adquirem mais, nem outras, do que as fornecidas pela experiência e a observação das coisas que aparecem em seu caminho, o que deve ser suficiente para convencer-nos de que não há caracteres originais impressos na mente.

8. A idéia de Deus não é inata. Se alguma idéia pode ser imaginada **inata**, dentre todas as outras, a idéia de Deus pode ser pensada assim,

por várias razões, por julgar-se que seria difícil conceber a existência de princípios morais inatos sem uma idéia inata da Divindade. Sem a noção de um legislador é impossível ter uma noção da lei e obrigação para cumpri-la. Além dos ateus observados entre os antigos, e assinalados nos registros da história, não se descobriram, em épocas mais recentes, nações inteiras entre as quais não se encontra nenhuma noção de Deus e nem da religião? Estes são exemplos de noções em que a natureza inculta foi mantida por si mesma sem o auxílio da cultura e da disciplina, e o aperfeiçoamento das artes e ciências. Mas há outras que, apesar de terem disto usufruído, por falta da devida aplicação de seus pensamentos daquela maneira, carecem da idéia e conhecimento de Deus.

9. Mas, se os homens tivessem em toda parte uma noção de um Deus (até que a história nos provasse o oposto), não resultaria disso que sua idéia seria inata. Apesar de nenhuma nação ter sido descoberta sem um nome, com poucas e obscuras noções acerca dele, apesar disto não podem ser comprovantes de impressões naturais na mente, do mesmo modo que os nomes do fogo, sol, calor e o número não provam que as idéias que manifestam são inatas, porque os nomes destas coisas, e as idéias delas, são universalmente recebidos e conhecidos entre os homens. Visto que os homens, usando palavras derivadas do idioma geral de seus próprios países, podem raramente evitar ter certo tipo de idéias a respeito das coisas, cujos nomes são mencionados com freqüência em suas conversas.

10. A idéia de substância não é inata. Confesso que há outra idéia que seria de uso geral entre os homens, pois é mencionada geralmente na conversa. Trata-se da idéia de *substância*, que não obtemos nem podemos obter pela sensação ou reflexão. Se a natureza cuidou de nos prover com algumas idéias, devemos esperar que sejam tais que não possamos descobrir mediante nossas próprias faculdades; observamos, ao contrário, que, através dos meios pelos quais as idéias são trazidas para as nossas mentes, não temos de modo algum esta *idéia clara*; portanto, nada significa a palavra *substância*, a não ser uma proposição incerta disto que não sabemos o que, isto é, de algo acerca do que não temos nenhuma idéia positiva particular e distinta, que julgamos ser o *substratum*, ou suporte, destas idéias que conhecemos.

21. Não há idéias inatas na memória. Cabe-me acrescentar: se houver quaisquer idéias inatas, quaisquer idéias na mente a respeito das quais a mente não pensa atualmente, devem estar situadas na memória, da qual devem ser trazidas à observação pela recordação, isto é, devem ser reconhecidas, quando são recordadas, como tendo antes sido percepções na mente, a menos que a recordação possa existir sem a recordação, e desde

que recordar é perceber alguma coisa na memória, ou ter a consciência de que isto era antes conhecido ou percebido. Sem isto, seja qual for, a idéia que surge na mente é nova, e não recordada; esta consciência de ter estado na mente antes de ser é distinguida pela recordação de todas as outras maneiras de pensar. Seja qual for a idéia que nunca foi percebida pela mente, nunca esteve na mente. Seja qual for a idéia que exista na mente, ou é uma percepção atual ou, tendo sido uma percepção atual, está de tal modo na mente que através da memória pode ser de novo transformada em percepção atual. Sempre que há uma percepção atual de uma idéia sem memória, a idéia aparece perfeitamente nova e desconhecida ao entendimento. Sempre que a memória introduz qualquer idéia à observação atual, isto é feito com a consciência de que ela já existiu, e não era totalmente estranha à mente. Se isto não é assim, faço um apelo para a observação de cada um. E, então, desejo um exemplo de uma idéia, pretendida ser inata (antes de qualquer impressão disto pelos meios a serem mencionados adiante), que qualquer um pudesse receber e recordar como uma idéia que tivesse anteriormente conhecido, sem que houvesse recordação sem a consciência de sua percepção anterior. Seja qual for a idéia introduzida na mente sem ser recordada pela consciência, ou não derivada da memória, ela não pode ser afirmada estar na mente antes desta manifestação. Uma vez que o que não está atualmente à vista, ou nem na memória, não está de modo algum na mente, dá no mesmo dizer que nunca esteve lá.

25. **Origem da opinião acerca dos princípios inatos.** Quando os homens descobriram certas proposições gerais que não podiam ser questionadas logo que entendidas, compreendemos como isto passou a ser a maneira rápida e fácil para concluir que elas eram inatas. Sendo isto aceito, liberou o preguiçoso das penas da pesquisa e deu fim à investigação dos duvidosos que se interessam pela denominação inata. Não parecia pequena vantagem aos que pretendiam ser mestres e professores considerar o princípio dos princípios que — *princípios não devem ser questionados*. Uma vez estabelecida esta doutrina, isto é, que há princípios inatos, situou seus adeptos com a necessidade de receber certas doutrinas sem discussão, desviando-os do uso de suas próprias razões e julgamentos, e levando-os a acreditar e confiar nelas sem exame posterior. Com esta postura de cega credulidade podem ser com mais facilidade governados, passando a ser úteis para certa espécie de homens que têm a perícia e função para guiá-los. Não é pequeno o poder conferido a um homem sobre o outro, ou seja, o de ter a autoridade para ser o ditador de princípios, professor de verdades inquestionáveis, e fazer com que uma pessoa tome por princípio inato o que deve servir ao propósito de quem as ensina. Ao passo que, se tivessem examinado as maneiras pelas quais os homens adquirem o conhecimento

de muitas verdades universais, descobririam que elas resultam nas mentes dos homens mediante o ser das próprias coisas, quando devidamente consideradas; e que elas foram descobertas pela aplicação destas faculdades que são adequadas por natureza para recebê-las e julgá-las, quando devidamente empregadas.

26. **Conclusão.** *Mostrar como o entendimento procede é o desígnio da seqüência do tratado, que desenvolverei quando tiver antes estabelecido e esclarecido meu método dos fundamentos que concebo como os únicos verdadeiros para estabelecer estas noções que podemos ter de nosso conhecimento. Para tanto, foi, portanto, necessário fazer um relatório das razões que tinha para duvidar de princípios inatos. E desde que os argumentos que existem contra eles, ao menos alguns deles, nascem das opiniões ordinárias recebidas, fui forçado a aceitar muitas coisas como certas, procedimento dificilmente evitável para quem tem a tarefa de mostrar a falsidade ou improbidade de qualquer doutrina. Isto acontece em discursos controvertidos, do mesmo modo como assaltando cidades, onde, se há base sólida no sentido em que as baterias estão dirigidas, não há investigação posterior de quem tomou isto emprestado, nem a quem isto pertence, já que isto oferece apenas conveniente auxílio para o presente propósito. Mas na parte seguinte deste tratado, designado para levantar um edifício uniforme e consistente consigo mesmo, na medida em que minha própria observação e experiência me auxiliarem, espero levantá-lo sobre tal base que não necessitarei escorá-lo com estacas, apoiando-o em fundamentos emprestados ou solicitados; ou, ao menos, se tiver, ao final, construído um castelo no ar, empenhar-me-ei para que seja constituído por uma única peça e permaneça unido.*

LIVRO II

AS IDÉIAS

CAPÍTULO I

AS IDÉIAS EM GERAL E SUA ORIGEM

1. Idéia é o objeto do pensamento. Todo homem tem consciência de que pensa, e que quando está pensando sua mente se ocupa de idéias. Por conseguinte, é indubitável que as mentes humanas têm várias idéias, expressas, entre outros, pelos termos brancura, dureza, doçura, pensamento, movimento, homem, elefante, exército, embriaguez. Disso decorre a primeira questão a ser investigada: como elas são apreendidas?

Consiste numa doutrina aceita que o ser primordial dos homens tem idéias inatas e caracteres originais estampados em sua mente. Já examinei, em linhas gerais, essa opinião, e suponho que o que ficou dito no livro anterior será facilmente admitido quando tiver mostrado como o entendimento obtém todas as suas idéias, e por quais meios e graus elas podem penetrar na mente; com este fim solicitarei a cada um recorrer à sua própria observação e experiência.

2. Todas as idéias derivam da sensação ou reflexão. Suponhamos, pois, que a mente é, como dissemos, um papel em branco, desprovida de todos os caracteres, sem nenhuma idéia; como ela será suprida? De onde lhe provém este vasto estoque, que a ativa e ilimitada fantasia do homem pintou nela com uma variedade quase infinita? De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra: da experiência. Todo o nosso conhecimento está nela fundado, e dela deriva fundamentalmente o próprio conhecimento. Empregada tanto nos objetos sensíveis externos como nas operações internas de nossas mentes, que são por nós mesmos percebidas e refletidas, nossa observação supre nossos entendimentos com todos os materiais do pensamento. Dessas duas fontes de conhecimento jorram todas as nossas idéias, ou as que possivelmente teremos.

3. O objeto da sensação é uma fonte das idéias. Primeiro, nossos

sentidos, familiarizados com os objetos sensíveis particulares, levam para a mente várias e distintas percepções das coisas, segundo os vários meios pelos quais aqueles objetos os impressionaram. Recebemos, assim, as idéias de amarelo, branco, quente, frio, mole, duro, amargo, doce e todas as idéias que denominamos de qualidades sensíveis. Quando digo que os sentidos levam para a mente, entendo com isso que eles retiram dos objetos externos para a mente o que lhes produziu estas percepções. A esta grande fonte da maioria de nossas idéias, bastante dependente de nossos sentidos, dos quais se encaminham para o entendimento, denomino *sensação*.

4. **As operações de nossas mentes consistem na outra fonte de idéias.** Segundo, a outra fonte pela qual a experiência supre o entendimento com idéias é a percepção das operações de nossa própria mente, que se ocupa das idéias que já lhe pertencem. Tais operações, quando a alma começa a refletir e a considerar, suprem o entendimento com outra série de idéias que não poderia ser obtida das coisas externas, tais como a percepção, o pensamento, o duvidar, o crer, o raciocinar, o conhecer, o querer e todos os diferentes atos de nossas próprias mentes. Tendo disso consciência, observando esses atos em nós mesmos, nós os incorporamos em nossos entendimentos como idéias distintas, do mesmo modo que fazemos com os corpos que impressionam nossos sentidos. Toda gente tem esta fonte de idéias completamente em si mesma; e, embora não a tenha sentido como relacionada com os objetos externos, provavelmente ela está e deve propriamente ser chamada de *sentido interno*. Mas, como denomino a outra de *sensação*, denomino esta de *reflexão*: idéias que se dão ao luxo de serem tais apenas quando a mente reflete acerca de suas próprias operações. Na parte seguinte deste discurso, quero que se entenda que a reflexão significa a mente observando suas próprias operações, como elas se formam, e como elas se tornam as idéias dessas operações no entendimento. Afirmo que estas duas, a saber, as coisas materiais externas, como objeto da sensação, e as operações de nossas próprias mentes, como objeto da reflexão, são, a meu ver, os únicos dados originais dos quais as idéias derivam. O termo *operações* é usado aqui em sentido lato, compreendendo não apenas as ações da mente sobre suas idéias, mas também certos tipos de paixões que às vezes nascem delas, tais como a satisfação ou inquietude que nascem de qualquer pensamento.

5. **Todas as nossas idéias derivam de uma ou de outra fonte.** Parece-me que o entendimento não tem o menor vislumbre de uma idéia se não a receber de uma das duas fontes. Os *objetos externos* suprem a mente com as idéias das qualidades sensíveis, que são todas as diferentes percepções produzidas em nós, e a mente supre o entendimento com idéias através de suas próprias operações.

Quando efetuarmos uma investigação completa de ambos, de seus vários modos, combinações e relações, descobriremos que eles contêm todo o nosso estoque de idéias, e que não temos nada em nossas mentes a não ser o derivado de um desses dois meios. Se alguém examinar seus próprios pensamentos, dir-me-á, então, se todas as idéias originais que lá estão são algo mais do que os objetos de seus sentidos, ou das operações de sua mente encarada como objeto de sua reflexão; e, por mais ampla que seja a massa de conhecimentos lá localizada, por mais que ele imagine, verá, assumindo um ponto de vista estrito, que não tem idéia alguma em sua mente, a não ser o que foi por uma dessas duas impresso, embora talvez compostas em infinita variedade e ampliadas pelo entendimento, como veremos adiante.

6. Observável nas crianças. Quem considerar com atenção a situação de uma criança quando vem ao mundo quase não terá razão para supor que ela se encontra com uma abundância de idéias que constituirão o material de seu futuro conhecimento. Gradualmente, será delas provida; embora as idéias das qualidades óbvias e familiares se imprimam antes de a memória começar a fazer um registro do tempo e da ordem, será, freqüentemente, bem mais tarde que certas qualidades incomuns surgem no caminho das crianças, e poucos homens não se lembram de quando se familiarizaram com elas; e, se fosse proveitoso, não há dúvida que uma criança seria de tal modo ordenada para ter apenas algumas das idéias ordinárias até desenvolver-se num homem. Mas, como todos os seres vivos se encontram envolvidos por corpos que perpétua e diversamente os impressionam, surge uma variedade de idéias, levadas ou não em consideração, que se imprimem nas mentes das crianças. Luz e cores estão à disposição em toda parte em que o olho estiver apenas aberto; sons e certas qualidades sensíveis não se omitem de procurar seus próprios sentidos, forçando sua entrada na mente; mesmo assim, penso ser facilmente admitido que, se uma criança fosse mantida num lugar em que apenas visse o branco e o preto até a idade adulta, não teria idéia do vermelho ou do verde, do mesmo modo que quem jamais experimentou o gosto da ostra ou do abacaxi não teria esses gostos determinados.

7. Os homens estão diversamente supridos dessas idéias, segundo os diferentes objetos com os quais entram em contato. Os homens são, portanto, supridos com menos ou mais idéias simples do exterior, à medida que os objetos com os quais entram em contato oferecem maior ou menor variedade; estão supridos com as operações internas de suas mentes, à medida que refletem mais ou menos sobre elas; portanto, a menos que dirijam seus pensamentos para esta via e a considerem *atentamente*, não terão mais idéias claras e distintas de todas as operações de sua mente, e em tudo que puder ser observado acerca desse assunto, quer tenham

todas as idéias particulares de qualquer paisagem, quer das partes dos movimentos de um relógio, deverão encarar e prestar atenção a todos os seus pormenores. A pintura ou o relógio podem estar de tal modo situados que diariamente surgem no caminho de um homem; mesmo assim, ele terá uma idéia confusa de todas as partes de que são feitos enquanto não se aplicar com atenção e considerar cada uma delas pormenorizadamente.

8. As idéias de reflexão são posteriores, porque necessitam de atenção. Vemos, assim, a razão pela qual bem mais tarde a maioria das crianças adquire idéias das operações de suas próprias mentes. E algumas não têm idéias claras ou perfeitas da maioria de suas operações durante toda a vida. Embora tenham a mente continuamente atingida por visões flutuantes, estas não a impressionam suficiente e profundamente, marcando-a com idéias claras, distintas e duráveis, enquanto o entendimento não se volta para si mesmo e reflete sobre suas próprias operações, tornando-as o objeto de sua própria contemplação. Quando as crianças chegam ao mundo pela primeira vez, encontram-se rodeadas por uma infinidade de coisas novas, que, por constante solitação de seus sentidos, orientam a mente constantemente para elas, avançando para observar de novo, e se deliciando com a variedade cambiante de objetos. São, assim, os primeiros anos usualmente empregados e entretidos em olhar para fora. A tarefa dos homens consiste em se familiarizarem com o que existe para ser encontrado externamente; e assim, crescendo com atenção constante para as sensações externas, raramente os homens fazem alguma reflexão considerável sobre o que ocorre com eles, até atingirem a idade adulta; e alguns jamais fazem tal reflexão.

9. A alma começa a ter idéias quando começa a perceber. Perguntar quando um homem começa a ter quaisquer idéias equivale a perguntar quando começa a perceber, pois dá no mesmo dizer *ter idéias* ou *ter percepção*. Sei que alguns são de opinião que a alma sempre pensa, e, contanto que exista, tem constante e por si mesma percepção real das idéias, e que o pensamento real é inseparável da alma, como o é a extensão real do corpo. Sendo tudo isso verdadeiro, inquirir acerca da origem das idéias dos homens equivale a inquirir acerca da origem de sua alma. Com base nisso, a alma e suas idéias, como o corpo e sua extensão, começarão ambos a existir ao mesmo tempo.

10. A alma nem sempre pensa, pois isto necessita de provas. Supor-se, porém, que a alma antecede, coexiste ou aparece certo tempo depois dos primeiros rudimentos ou do começo da vida no corpo é tema para ser discutido por quem for mais bem-dotado. Confesso que possuo uma dessas almas apáticas, que nem sempre têm percepção de si mesmas ao

contemplar idéias, nem posso conceber nada mais necessário à alma do que sempre pensar, ao corpo de estar sempre em movimento, e imagino que a percepção das idéias é para a alma o que o movimento é para o corpo, isto é, não é sua essência, mas uma de suas operações. Portanto, embora o pensamento jamais possa ser a tal ponto suposto como ação apropriada da alma, ainda assim não é necessário supor que ela estaria sempre pensando, sempre em ação. É este, talvez, o privilégio do infinito Autor e Protetor de todas as coisas, "que nunca repousa e nem dorme", o que não é admissível para nenhum ser finito; pelo menos não o é para a alma do homem. Sabemos, certamente por experiência, que às vezes pensamos; daí chegamos a esta conclusão infalível: há alguma coisa em nós que tem o poder de pensar. Mas de que esta substância esteja perpetuamente pensando, ou não, não podemos ter mais segurança do que nos informa a experiência. Afirmar que o pensamento real é essencial à alma e inseparável dela é uma petição de princípio e não uma prova racional, sendo necessário apresentá-la, por não se tratar de uma proposição evidente por si mesma. Mas insistir que esta proposição — "a alma sempre pensa" — é evidente por si mesma, com a qual todos concordam apenas através de uma primeira inquirição, leva-me a pedir auxílio a todos os homens. Quando digo que tenho dúvidas se pensei ou não durante toda a noite, isto implica que se trata de uma questão sobre um fato e que não se pode aceitar, para prová-la, uma hipótese consistindo na própria coisa em questão, da qual não se pode chegar a nenhuma prova. Seria, pois, o mesmo que supor que todos os relógios pensam, desde que seus ponteiros se movimentam, ficando disso, portanto, provado, sem qualquer dúvida, que meu relógio pensou durante toda a noite passada. Quem não quiser se equivocar, deve construir sua hipótese, derivada da experiência sensível, sobre um fato, e não supor um fato devido a essa hipótese, isto é, porque supõe ser assim, o que como prova equivale a isto: devo necessariamente ter pensado durante toda a noite passada, porque alguém supõe que sempre penso, embora eu mesmo nem sempre o perceba.

Entretanto, os homens enamorados de suas próprias opiniões podem não só supor o que está em questão, como recorrer ao fato errôneo. De que outro modo poderia alguém tirar de minha inferência que uma coisa não é porque não a sentimos no sono? Não digo que não existe alma no homem porque não a sente no sono, mas digo: não pode pensar um momento sequer, acordado ou dormindo, sem ser sensível a isso. Sermos sensíveis a isso não é uma coisa necessária para todas as coisas; é, contudo, para os nossos pensamentos, sendo para eles agora e sempre necessário, até que possamos pensar sem termos disso consciência.

11. Nem sempre tem consciência disso. Concordo que a alma de um homem desperto jamais está vazia de pensamento, porque esta é a

condição de estar acordado. Deve, porém, o homem desperto considerar se dormir sem sonhar afeta ou não o homem em sua totalidade, tanto na mente como no corpo. Pois é muito difícil imaginar que alguma coisa possa pensar e não estar consciente disso. Se a mente de um homem que dorme pensa sem ter consciência disso, pergunto: sentiu no pensamento algum prazer ou dor, ou foi capaz de ter felicidade ou infortúnio? Estou seguro de que o homem não sentiu nada mais do que a cama ou a terra em que se encontra. Ser feliz ou miserável sem ter consciência disso parece-me totalmente inconsciente e impossível. Quando o corpo dorme é impossível que a alma tenha pensamento, alegria e preocupações, prazer e sofrimento, embora o homem não seja nem consciente e nem participe disso. Certamente, Sócrates dormindo e Sócrates acordado não é a mesma pessoa, pois sua alma quando dorme, e Sócrates o homem, consistindo de corpo e alma, quando está acordado, são duas pessoas. Portanto, Sócrates, acordado, não tem conhecimento da felicidade ou relação como o infortúnio de sua alma, sentido por ele só quando dormia. Sem, contudo, percebê-los, assemelha-se à sua falta de sentimento pela felicidade ou infortúnio pelo homem das Índias, simplesmente porque não o conhece. Se for excluída totalmente a consciência de nossas ações ou sensações, especialmente as do prazer e sofrimento, juntamente com os problemas que acompanham, será difícil caracterizar a identidade pessoal.

CAPÍTULO II

IDÉIAS SIMPLES

1. **Aparências simples.** Para entender melhor a natureza, a maneira e a extensão de nosso conhecimento, deve ser cuidadosamente observado que algumas de nossas idéias são *simples* e outras *complexas*.

Visto que as qualidades que impressionam nossos sentidos estão, nas próprias coisas, tão unidas e misturadas que não há separação, nenhuma distância entre elas, é claro que as idéias, produzidas na mente, entram pelos sentidos, *simples* e sem mistura. Embora a visão e o tato recebam do mesmo objeto, com freqüência e ao mesmo tempo, idéias diferentes, fazendo com que um homem perceba o movimento e a cor, a mão sinta maciez e calor num mesmo pedaço de cera; apesar disso, as idéias simples unidas num mesmo objeto são perfeitamente distinguíveis como as que entram pelos diferentes sentidos; a frieza e a dureza que um homem sente num pedaço de gelo são idéias tão distintas à mente como o perfume e a brancura de um lírio, ou como o gosto do açúcar ou o perfume da rosa: nada pode ser mais evidente a um homem do que a percepção clara e distinta dessas idéias simples, de tal modo que, sendo cada uma delas sem mistura, nada contém em si exceto *uma aparência ou concepção uniforme na mente*, que não pode ser distinguível em idéias diferentes.

2. **A mente não pode formá-las, nem destruí-las.** Estas idéias simples, os materiais de todo o nosso conhecimento, são sugeridas ou fornecidas à mente unicamente pelas duas vias acima mencionadas: *sensação e reflexão*. Quando o entendimento já está abastecido de idéias simples, tem o poder para repetir, comparar e uni-las numa variedade quase infinita, formando à vontade novas idéias complexas. Mas não tem o poder, mesmo o espírito mais exaltado ou entendido, mediante nenhuma rapidez do pensamento, de *inventar* ou *formar* uma única nova idéia simples na mente, que não tenha sido recebida pelos meios antes mencionados; nem pode nenhuma força do entendimento *destruir* as idéias que lá estão, sendo

CAPÍTULO XII

AS IDÉIAS COMPLEXAS

1. **Formadas pela mente das [idéias] simples.** Consideramos, até aqui, as idéias apreendidas passivamente pela mente, ou seja, as idéias simples introduzidas pela sensação e reflexão já mencionadas, sem as quais a mente não pode, por si mesma, formar e/ou ter nenhuma idéia. Como, porém, a mente permanece completamente passiva ao receber todas as idéias simples, de tal modo se esforça por si mesma em vários atos a respeito das idéias simples, estas são vistas como materiais e fundamentos do restante e formando as outras. Os atos pelos quais a mente exerce seu poder sobre suas idéias simples se reduzem principalmente aos três seguintes: 1. Combinando várias idéias simples para formar uma composta, originando, assim, todas as *idéias complexas*; 2. Reunindo duas idéias (simples ou complexas), e regulando-as reciprocamente a fim de ter imediatamente uma visão delas, sem, contudo, unificá-las numa, obtendo por este meio todas as suas *idéias de relações*; e 3. Separando-as de todas as outras idéias que lhes estão incorporadas em sua existência real mediante a abstração; deste modo a mente forma todas as suas *idéias gerais*. Tudo isto mostra que o poder do homem com seus meios de operação se iguala nos mundos material e intelectual. Sendo os materiais de ambos os sujeitos relativos ao seu poder de construir ou de destruir, cabe ao homem uni-los ou colocá-los em reciprocidade ou separá-los totalmente. Iniciarei por considerar as idéias complexas, abordando as outras em seu devido lugar. Podemos observar que as idéias simples existem unidas em várias combinações, tendo, deste modo, a mente poder para considerar várias delas reunidas numa única idéia, não apenas como se acham unidas nos objetos externos, mas como elas se acham por si mesmas unidas. As idéias formadas pela reunião de várias simples denominam-se *complexas*, tais como beleza, gratidão, homem, exército, universo. Embora complicada por várias idéias simples, ou idéias complexas formadas de simples, quando a mente deseja pode considerá-las cada uma por si mesma, como uma coisa inteira e designada por um nome.

2. **Formadas voluntariamente.** Mediante esta faculdade de repetir e unir suas idéias, a mente revela grande poder para variar e multiplicar os objetos de seus pensamentos de modo infinito e muito além do que lhe foi fornecido pela sensação ou reflexão, embora tudo isto continue limitado pelas idéias simples recebidas daquelas duas fontes e que constituem os materiais fundamentais para posteriores composições. Desde que todas as idéias simples derivam das próprias coisas, a mente não *pode* retirar delas nada mais do que lhe foi sugerido. Não pode obter outras idéias das qualidades sensíveis além das que são transmitidas do exterior pelos sentidos, nem nenhuma idéia derivada de operações de espécie diversa da substância pensante que se encontra em si mesma. Tendo, contudo, adquirido as idéias simples, a mente deixa de se limitar pela mera observação do que lhe é oferecido externamente, passando, mediante seu próprio poder, a reunir as idéias que possui para formar idéias complexas originais, pois jamais foram recebidas assim unidas.

3. **As idéias complexas, ou são modos e substâncias, ou relações.** Por mais que as idéias complexas sejam compostas e decompostas, embora seu número seja infinito e sua variedade ilimitada, por meio das quais se preenchem e entretêm os pensamentos humanos, não obstante isso, penso que podem ser reduzidas a estes três tipos: 1. Modos; 2. Substâncias; 3. Relações.

4. **Idéias de modos.** Primeiro, denomino *modos* as idéias complexas que, embora compostas, não contêm em si a suposição de que podem subsistir por si mesmas, mas são consideradas dependentes, ou atributos das substâncias, tais como as idéias expressas pelas palavras triângulo, gratidão, assassínio etc. Desculpo-me por usar a palavra *modo* com sentido bem diverso de seu significado ordinário, mas isto é inevitável em raciocínios divergentes das noções ordinariamente recebidas, quer por criar palavras novas, quer por usar palavras antigas com significado de certo modo novo, sendo, no presente caso, a última alternativa talvez a mais tolerável.

5. **Modos simples e mistos das idéias simples.** Há dois tipos desses *modos* que merecem consideração à parte:

Primeiro, alguns são apenas variações ou diferentes combinações da mesma idéia simples, sem mistura de outra qualquer, como uma dúzia, ou a contagem, que não é outra coisa senão idéias de muitas unidades distintas somadas, os quais denomino *modos simples* por estarem contidos nos limites de uma idéia simples.

Segundo, há outros compostos de idéias simples de vários tipos, reunidas para formar uma complexa, por exemplo, beleza, que consiste de certa composição de cor e figura, causando deleite para o espectador;

ou, então, o roubo, que é a oportunidade oculta de possuir algo sem o consentimento do proprietário. Tais idéias, evidentemente, resultam da combinação de diversas idéias de vários tipos, por isso as denomino *modos mistos*.

6. Idéias de substâncias, singulares ou coletivas. Segundo, as idéias de *substâncias* consistem em combinações de idéias simples assumidas para representar distintas coisas *particulares* e que subsistem por si mesmas, sendo a suposta e confusa idéia de substância, tal como é, sempre a primeira e principal. Deste modo, se acrescentamos à substância a idéia simples de uma certa cor opaca e esbranquiçada, com certo peso, dureza, ductilidade e fusibilidade, obtemos a idéia do chumbo; combinando a idéia de certo tipo de figura, dotada com os poderes de movimento, pensamento e raciocínio, e sendo tudo isso acrescido à substância, tem-se a idéia comum de homem. Decorrem igualmente destas substâncias dois tipos de idéias: uma diz respeito às substâncias *singulares*, que existem separadamente, tais como um homem ou um carneiro; ao passo que a outra se refere a várias dessas idéias reunidas, como, por exemplo, exército de homens, ou rebanho de carneiros, ocasionando idéias *coletivas* de várias substâncias, a tal ponto unidas que cada uma delas se iguala à idéia singular do homem ou da unidade.

7. Idéias de relação. Terceiro, o último tipo de idéias complexas denomina-se *relação*, que consiste na consideração e comparação de uma idéia com outra.

Abordaremos seus vários tipos ordenadamente.

8. As idéias mais abstrusas que temos derivam todas de duas fontes. Se descrevermos o progresso de nossas mentes e observarmos atentamente como repetem, somam e unem suas idéias simples recebidas da sensação ou da reflexão, verificaremos que ultrapassam o que, à primeira vista, havíamos imaginado. Se examinarmos cuidadosamente as fontes originais de nossas noções, descobriremos, julgo eu, que *mesmo as mais abstrusas idéias* delas derivam, por mais remotas que possam parecer do sentido, ou de quaisquer operações de nossas próprias mentes, pois são somente as que o entendimento forma para si mesmo, repetindo e reunindo idéias que obteve mediante os objetos do sentido ou por suas próprias operações acerca deles; deste modo, mesmo essas grandes e abstratas idéias derivam da sensação ou da reflexão, não sendo outra coisa o que a mente pode e obtém através do ordinário uso de suas próprias faculdades, empregadas a respeito das idéias recebidas dos objetos do sentido, ou das operações observadas por ela e, em si mesma, a respeito de suas idéias.

Tudo isso será mostrado mediante nossas idéias de espaço, tempo, infinito e outras mais que parecem muito distantes daquelas origens.